



## **Sobre um Poema**

**Um poema cresce inseguramente  
na confusão da carne,  
sobe ainda sem palavras, só ferocidade e gosto,  
talvez como sangue  
ou sombra de sangue pelos canais do ser.**

**Fora existe o mundo. Fora, a esplêndida violência  
ou os bagos de uva de onde nascem  
as raízes minúsculas do sol.  
Fora, os corpos genuínos e inalteráveis  
do nosso amor,  
os rios, a grande paz exterior das coisas,  
as folhas dormindo o silêncio,  
as sementes à beira do vento,  
- a hora teatral da posse.  
E o poema cresce tomando tudo em seu regaço.**

**E já nenhum poder destrói o poema.  
Insustentável, único,  
invade as órbitas, a face amorfa das paredes,  
a miséria dos minutos,  
a força sustida das coisas,  
a redonda e livre harmonia do mundo.**

**- Em baixo o instrumento perplexo ignora  
a espinha do mistério.  
- E o poema faz-se contra o tempo e a carne.**



**Se houvesse degraus na terra...**

**Se houvesse degraus na terra e tivesse anéis o céu,  
eu subiria os degraus e aos anéis me prenderia.  
No céu podia tecer uma nuvem toda negra.  
E que nevasse, e chovesse, e houvesse luz nas montanhas,  
e à porta do meu amor o ouro se acumulasse.**

**Beijei uma boca vermelha e a minha boca tingiu-se,  
levei um lenço à boca e o lenço fez-se vermelho.  
Fui lavá-lo na ribeira e a água tornou-se rubra,  
e a fímbria do mar, e o meio do mar,  
e vermelhas se volveram as asas da águia  
que desceu para beber,  
e metade do sol e a lua inteira se tornaram vermelhas.**

**Maldito seja quem atirou uma maçã para o outro mundo.  
Uma maçã, uma mantilha de ouro e uma espada de prata.  
Correram os rapazes à procura da espada,  
e as raparigas correram à procura da mantilha,  
e correram, correram as crianças à procura da maçã.**



**Levanto as mãos e o vento levanta-se nelas**

**LEVANTO as mãos e o vento levanta-se nelas.  
Rosas ascendem do coração trançado  
das madeiras.**

**As caudas dos pavões como uma obra astronómica.**

**E o quarto alagado pelos espelhos  
dentro. Ou um espaço cereal que se exalta.**

**Escondo a cara. A voz fica cheia de artérias.**

**E eu levanto as mãos defendendo a leveza do talento  
contra o terror que o arrebatava. Os olhos contra  
as artes do fogo.**

**Defendendo a minha morte contra o êxtase das imagens.**



**(simília similibus)**

**Quem deita sal na carne crua deixa  
a lua entrar pela oficina e encher o barro f(orte:  
vasos redondos, os quadris  
das fêmeas - e logo o meu dedo se poe a luzir  
ao fôlego da boca: onde  
o gargalo se estrangula e entre as coxas a fenda  
é uma queimadura  
vizinha  
do coração - toda a minha mão se assusta,  
transmuda,  
se torna transparente e viva, por essa força que a traga  
até dentro,  
onde o sangue mulheril queimado  
a arrasta pelos rins e aloja, brilhando  
como um coração,  
na garganta - o sal que se deita cresce sempre  
ao enredo dos planetas: com unhas  
frias e nuas  
retrato as lunações, talho a carne límpida  
- porque eu sou o teu nome quando  
te chamas a toda a altura  
dos espelhos e até ao fundo, se teus dedos abertos tocam  
a estrela**

como uma pedra fechada no seu jardim selvagem  
entre a água: tu tocas  
onde te toco, e os remoinhos da luz e do sal se tocam  
na carne profunda: como em toda a olaria o movimento  
toca a argila e a torna  
atenta  
à translação da casa pela paisagem rodando sobre si  
mesma - a teia sensível,  
que se fabrica no mundo entre a mão no sal  
e a potência  
múltipla de que esta escrita é a simetria,  
une  
tudo boca a boca: o verbo que estás a ser cada  
tua morte  
ao que ouço, quando a luz se empina e a noite inteira  
se despenha  
para dentro do dia: ou a mão que lanço sobre  
esse cabelo animal  
que respira no sono, que transpira  
como barro ou madeira ou carne salgada  
exposta  
a toda a largura da lua: o que é grave, amargo, sangrento.



**Se perguntarem: das artes do mundo?  
Das artes do mundo escolho a de ver cometas  
despenharem-se  
nas grandes massas de água; depois, as brasas pelos  
recantos,  
charcos entre elas.  
Quero na escuridão revolvida pelas luzes  
ganhar baptismo, ofício.  
Queimado nas orlas de fogo das poças.  
O meu nome é esse.  
E os dias atravessam as noites até aos outros dias, as noites  
caem dentro dos dias - e eu estudo  
astros desmoronados, mananciais, o segredo.**



## **Sobre um Poema**

**Um poema cresce inseguramente  
na confusão da carne,  
sobe ainda sem palavras, só ferocidade e gosto,  
talvez como sangue  
ou sombra de sangue pelos canais do ser.**

**Fora existe o mundo. Fora, a esplêndida violência  
ou os bagos de uva de onde nascem  
as raízes minúsculas do sol.**

**Fora, os corpos genuínos e inalteráveis  
do nosso amor,  
os rios, a grande paz exterior das coisas,  
as folhas dormindo o silêncio,  
as sementes à beira do vento,  
- a hora teatral da posse.**

**E o poema cresce tomando tudo em seu regaço.**

**E já nenhum poder destrói o poema.**

**Insustentável, único,  
invade as órbitas, a face amorfa das paredes,  
a miséria dos minutos,  
a força sustida das coisas,  
a redonda e livre harmonia do mundo.**

- **Em baixo o instrumento perplexo ignora  
a espinha do mistério.**
- **E o poema faz-se contra o tempo e a carne.**



**Deixarei os jardins a brilhar com seus olhos  
Deixarei os jardins a brilhar com seus olhos  
detidos: hei-de partir quando as flores chegarem  
à sua imagem. Este verão concentrado  
em cada espelho. O próprio  
movimento o entenebrece. Mas chamejam os lábios  
dos animais. Deixarei as constelações panorâmicas destes  
dias  
internos.**

**Vou morrer assim, arfando  
entre o mar fotográfico  
e côncavo  
e as paredes com as pérolas afundadas. E a lua desencadeia  
nas grutas  
o sangue que se agrava.**

**Está cheio de candeias, o verão de onde se parte,  
ígneo nessa criança  
contemplada. Eu abandono estes jardins  
ferozes, o génio  
que soprou nos estúdios cavados. É a cólera que me leva  
aos precipícios de agosto, e a mansidão  
traz-me às janelas. São únicas as colinas como o ar  
palpitante fechado num espelho. É a estação dos planetas.  
Cada dia é um abismo atómico.**



**E o leite faz-se tenro durante  
os eclipses. Bate em mim cada pancada do pedreiro  
que talha no calcário a rosa congenital.  
A carne, asfixiam-na os astros profundos nos casulos.  
O verão é de azulejo.  
É em nós que se encurva o nervo do arco  
contra a flecha. Deus ataca-me  
na candura. Fica, fria,  
esta rede de jardins diante dos incêndios. E uma criança  
dá a volta à noite, acesa completamente  
pelas mãos.**